

Relações de gênero e embates ideológicos no espaço heterotópico da web / *Gender relations and ideological clashes in the heterotopic space of the web*

Ângela Paula Nunes Ferreira*

Joseeldo da Silva Junior**

RESUMO

As redes sociais constituem um espaço heterotópico de disputas discursivas e embates ideológicos. No ano de 2016, um coletivo feminista iniciou na rede social *Twitter* a campanha #meuamigosecreto, com o propósito de utilizar o ambiente virtual como meio de divulgação de práticas machistas cotidianas. No ano de 2018, no qual as questões de gênero alcançaram importante espaço no debate eleitoral entre os presidenciáveis, as redes sociais tornaram-se campo de conflito ao irromper duas manifestações a respeito do tema: a #meubolsominionsecreto e #minhafeministasecreta. Assim, neste artigo, propomo-nos, à luz da Análise do Discurso Francesa, a analisar as formações discursivas das *hashtags* #meuamigosecreto, #minhafeministasecreta e #meubolsominionsecreto. Para tanto, o *corpus* deste estudo é composto por três *tweets* de cada *hashtag* mencionada. Ao analisar enunciados produzidos nas campanhas #meuamigosecreto, #meubolsominionsecreto e #minhafeministasecreta, podemos perceber que as três campanhas partem da retomada de memórias sobre questões de gênero, principalmente no que diz respeito ao exercício da sexualidade e reivindicações feministas sobre o tema. Os efeitos de sentido desses enunciados revelam conflitos sociais decorrentes dos espaços de enunciação, dos lugares sociais assumidos por diferentes sujeitos socialmente organizados. As *hashtags* #meuamigosecreto e #meubolsominionsecreto se conformam a uma formação discursiva feminista, a partir de discursos que denunciam práticas machistas cotidianas, que acarretam uma série de interdições para as mulheres. De forma antagônica, a #minhafeministasecreta parte de uma formação discursiva antifeminista que deturpa os princípios que regem o feminismo, afastando-se das reais discussões que pautam o movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; Redes sociais; Embates ideológicos; Questões de gênero.

ABSTRACT

Social networks constitute a heterotopic space of discursive disputes and ideological clashes. In the year 2016, a feminist collective launched the campaign #meuamigosecreto on the social network Twitter, with the purpose of using the virtual environment as a means of disseminating everyday machista practices. In the year 2018, when gender issues reached an important place in the electoral debate among the presidential candidates, social networks became a field of conflict when two manifestations erupted on the theme: #meubolsominionsecreto and #minhafeministasecreta. Thus, in this article, we propose, in the light of the French Discourse Analysis, to analyze the discursive formations of the hashtags #meuamigosecreto, #minhafeministasecreta and #meubolsominionsecreto. To do so, the corpus of this study consists of three tweets of each hashtag mentioned. When analyzing the statements produced in the campaigns #meuamigosecreto, #meubolsominionsecreto and #minhafeministasecreta, we can see that the three campaigns start from the resumption of memories about gender issues, mainly with regard to the exercise of sexuality and feminist claims on the subject. The meaning effects of these statements reveal social conflicts arising from the spaces of enunciation, from the social places assumed by different socially organized subjects. The hashtags #meuamigo secreto and #meubolsominionsecreto subdomains

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, Paraíba, Brasil. paulanunes@hotmail.com.

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa, Paraíba, Brasil. joseeldojr@gmail.com. Bolsista da Capes.

Todo o conteúdo da Revista Letras Raras está licenciado sob [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

conform to a feminist discursive formation, from discourses denouncing everyday machista practices that lead to a series of prohibitions for women. In an antagonistic fashion, #minhafeministasecreta are part of an antifeminist discursive formation that misrepresents the principles governing feminism, moving away from the real arguments that govern the movement.

KEYWORDS: Discourse analysis; Social networks; Ideological clashes; Gender issues.

1 Introdução

No Brasil, o enunciado “amigo secreto” nos remete a uma brincadeira típica dos festejos natalinos que ocorre entre familiares, amigos e colegas de trabalho. Na brincadeira, os participantes sorteiam o nome de outro participante e devem manter o nome sorteado em sigilo, até o dia da troca de presentes, ocasião em que serão dadas dicas sobre características de quem receberá o presente para que os demais participantes descubram de quem se trata. Ao longo dos anos, a brincadeira veio se reconfigurando e reaparecendo, a exemplo do “amigo doce”, “amigo da onça”, “amigo literário” etc. A cada vez que se altera alguma característica da brincadeira, o enunciado inicial que a denomina, o enunciado “amigo secreto” se atualiza.

Em 2016, num contexto de conquistas legislativas como o advento da Lei Maria da Penha e Lei do Femicídio (promulgada em 2015), que representaram conquistas importantes no combate a desigualdade de gênero e punição da violência contra as mulheres, surgiu no ambiente heterotópico da internet, no período natalino, uma campanha feminista, encabeçada pelo Coletivo “Não me Kahlo”, intitulada “#meuamigosecreto”, que buscou denunciar casos de machismos cotidianos que surgem a partir de estereótipos dos papéis de gênero na sociedade, principalmente no que diz respeito à sexualidade, mais precisamente a conduta sexual das mulheres. A campanha retomou espaços de memória oriundos do enunciado “meu amigo secreto é” constantemente utilizado no momento de culminância da brincadeira “amigo secreto”, em que se apresentam as características do amigo sorteado, para que os demais adivinhem quem é.

Na campanha política de 2018, na qual as questões de gênero alcançaram importante espaço no debate entre os presidentiáveis, motivadas pelo candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro, as redes sociais tornaram-se campo de conflito ao irromper duas manifestações a respeito do tema: as *hashtag* #meubolsominionsecreto e #minhafeministasecreta. A primeira *hashtag* apareceu em resposta ao discurso

discriminatório encapado pelo candidato Jair Bolsonaro. O movimento promoveu um amigo secreto nas redes sociais criticando, ironicamente, a conduta moral dos eleitores de Bolsonaro, que reproduziam as falas do candidato. A última *hashtag*, por sua vez, surgiu como contraponto: o campo rival produziu críticas sobre a realidade das mulheres eleitoras de Haddad, vistas como feministas submissas, contraditórias e destoantes do que pregavam.

Assim, neste artigo, propomos-nos, à luz da Análise do Discurso Francesa, a analisar as formações discursivas das *hashtags* #meuamigosecreto, #minhafeministasecreta e #meubolsominionsecreto. Para tanto, mobilizaremos os conceitos formação ideológica e formação discursiva, interdiscurso e memória discursiva para substanciar as discussões pretendidas. Em termos de percurso metodológico, trata-se de uma pesquisa de viés descritivo-interpretativa de âmbito qualitativa. Por ser um campo em que teoria e metodologia não se afastam, o *corpus*, formado expressamente por publicações divulgadas na rede social Twitter através das *hashtag*, o emprego da descrição e interpretação ocorrem simultaneamente, num só batimento (PECHEUX, 2012).

Para fins de análise, o *corpus* deste estudo é composto por três *tweets* de cada *hashtag* mencionada. Destacamos que o gesto de interpretação da seleção do material investigado foi definido pela categorização em dois temas: gênero e sexualidade. Isso ocorreu uma vez que, embora o assunto global das discussões no Twitter estivesse voltado para o feminismo, havia uma dispersão de discursos, o que nos fez procurar uma regularidade dentre as abordagens diversas do assunto. Os discursos sobre gênero e sexualidade, portanto, apresentaram maior recorrência em relação aos demais.

Estruturalmente falando, este artigo está organizado da seguinte maneira: na próxima seção, discutimos sobre a noção da *hashtag*, que alinhada a um enunciado específico, produz práticas discursivas no espaço da web heterotópica. Logo em seguida, através das contribuições de memória de Paveau, abordamos os modos teóricos produzidos pela autora. No tópico seguinte, tratamos da noção de formação discursiva, que se entrecruza com a última seção, a qual analisamos as *hashtags* produzidas no Twitter. Por fim, tecemos algumas considerações finais que pautaram as investigações realizadas neste estudo.

2 A hashtag como prática discursiva

Ao tomar a mídia como campo de estudo, sobretudo a web, alinhamos nossas ideias a proposta de Gregolin (2015), em que a internet é um espaço heterotópico por excelência, no qual “cruzam-se todo tipo de outros espaços, consensuais e conflitantes; acolhem-se todo tipo de enunciados e de formas de visibilidade numa cartografia em que se misturam permissividade e controle de forma ambígua” (GREGOLIN, 2015, p. 202). A proposta de Gregolin parte da analogia do navio fabricada por Foucault, espaço também heterotópico, no qual não há encontro e desencontro, onde o tempo se perde ou se encontra, pois ele é uma heterocronia. Parafraseando Foucault, é uma “espécie de lugar que está fora de todos os lugares, embora seja efetivamente localizável. Por ser absolutamente outro quanto a todas as alocações que ele reflete e sobre a fala, denominarei tal lugar, por oposição à utopia, de heterotopia.” (FOUCAULT, 2013, p. 116).

Dessa forma, heterotopia pode ser compreendida como uma intersecção entre o real e imaginário, o ponto onde discursos se cruzam e enlaçam. Tal é o virtual, espaço por excelência onde os enunciados divergem, confluem, entram em redes de saber e poder, podendo resultar em movimentos ciberculturais como os que ocorrem na rede social Twitter, ao permitir a existência de manifestos, reivindicações ou protestos por meio das *hashtags*. Por *hashtags*, entendemos como práticas discursivas fabricadas diante de acontecimentos impulsionados ou irrompidos espontaneamente no curso linear da História.

Michel Foucault (2009, p.133) descreve a prática discursiva como sendo “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística as condições de exercício da função enunciativa.”

É por meio da presença do símbolo jogo da velha que sujeitos podem demarcar, por exemplo, sua posição ideológica, como ocorrido nas manifestações políticas identitárias a respeito das discussões de gênero representadas pelos discursos: #meuamigosecreto, #meubolsominionsecreto e #minhafeministasecreta.

A *hashtag* cria um jogo discursivo, produz enunciados, reúne em um só espaço várias ideias e comentários acerca de determinada temática. Esse mecanismo permite o

“encontro do histórico com o linguístico de uma maneira bastante singular” (SILVEIRA, 2013, p. 02). Ao promover este encontro, os enunciados fabricados vão e vêm num jogo de retornos: *hashtags* irrompem na web, possuem um tempo de duração e somem; ao voltarem, são ressignificadas: ou seja, embora ressurgam, o acontecimento de um dado momento a ressignifica, exatamente como Foucault pontua em sua aula inaugural no *Collège de France*: “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 2017, p. 25). O aparecimento das *hashtags* #meubolsominionsecreto e #minhafeministasecreta são exemplos práticos desse retorno. Embora novas, são reconfiguradas a partir de uma *hashtag* anteriormente já discursivizada: #meuamigosecreto. O sentido das práticas discursivas, portanto, são alternados a partir do contexto histórico sobre as quais são produzidas.

3 Memória discursiva e efeitos de sentido

A noção de memória discursiva apareceu pela primeira vez em 1981 através dos estudos de J-J Courtine (PAVEAU, 2005; 2013), na França, e desde então sua representação enquanto conceito é expressamente explorado na Análise do Discurso, apesar da complexidade que envolve sua utilização. Nosso intuito é dialogar com o conceito olhando para as considerações fundamentadas por Paveau, marcando breves discussões elaboradas pela linguista, além de apresentar, de forma sucinta, ponderações de Courtine, Pêcheux e Foucault.

Inicialmente, observemos que a memória deve ser entendida como plural: ou seja, a memória discursiva “é uma função *situada*, que depende de inúmeros parâmetros, como a cultura, a idade, o gênero, a posição social, o coeficiente de alfabetização, a experiência etc.” (PAVEAU, 2013, p. 140, grifos da autora). A relação de um parâmetro e o outro está alicerçada pela “experiência” (PAVEAU, 2013), uma vez que participamos de movimentos – como o protesto #meuamigosecreto na web –, em determinado tempo e momento sócio-histórico. Assim, dada uma situação, constituímos memórias que são retomadas, ressignificadas ou atualizadas.

Utilizando a expressão memória no discurso, Paveau (2005) corrobora com o laço entre a História e o fator social, que, para ela, está

estritamente ligada às condições sócio-históricas e cognitivas de produção de discursos, aos dados extra-discursivos e, sobretudo, pré-discursivos que participam da elaboração e da circulação das produções verbais de sujeitos sociais e culturalmente situados. (PAVEAU, 2005, p. 02)

Na explanação, chama-nos atenção a relação entre os pré-discursivos e a memória discursiva, que, ao que parece, estão entrelaçados. A equação basicamente é: existe um discurso em que nele está presente um elemento linguístico, mais precisamente num discurso atual, que remete – ou ativa – um pré-discurso. Para isso ocorrer, no entanto, alguns fenômenos são identificados, sendo eles por sua “coletividade, imaterialidade, transmissibilidade, experiencialidade, intersubjetividade e discursividade” (PEVEAU, 2013, p. 150-151). Cada fenômeno, se tomado como ferramenta para análise, pressupõe um enquadramento singular. A título de saber, sem aprofundamento no mérito das questões, assim expressam-se:

– sua coletividade, resultado de uma co-elaboração entre os indivíduos e entre o indivíduo e a sociedade; – sua imaterialidade, já que a pré-discursividade é de ordem tácita (isto é, não formulável explicitamente, ao contrário do implícito); – sua transmissibilidade, no eixo horizontal de comunicabilidade enciclopédica (a ideia do compartilhamento) e no eixo vertical da transmissão por meio das linhagens discursivas (o papel da memória); – sua experiencialidade, já que permitem ao sujeito organizar e, também, antecipar seu comportamento discursivo; – sua intersubjetividade, pois os critérios de mobilização são veri-relacionais, e não lógicos; – sua discursividade, enfim, já que são linguisticamente assinalados. (PEVEAU, 2007, p. 318)

A memória, nesse emaranhado de fenômenos imbricados ao discurso, é o principal agenciador, pois, como já mencionamos, retoma, resgata, reconfigura os sentidos de um novo discurso apresentado.

Assim, a memória se evidencia nas enunciações e se configura a partir de já-ditos e irrompe na atualidade do acontecimento. Em “Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos”, Courtine (2009, p.106), pondera que “A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regidas por aparelhos ideológicos (...)”, sendo assim um sistema de conservação de arquivo e rede de difusão que permite o ressurgimento de

determinados enunciados. Para o autor, a memória discursiva se evidencia na relação entre o interdiscurso e o intradiscurso.

A partir do pensamento de Courtine, Michel Pêcheux destaca a importância do conceito “memória discursiva” para a Análise do Discurso. Em “O papel da memória”, Pêcheux destaca que

A memória tende a absorver o acontecimento, como uma série matemática prolonga-se conjecturando o termo seguinte em vista do começo da série, mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior. (PÊCHEUX, 2015, p. 46)

Deste modo, haveria sempre um jogo de força que objetiva manter uma regularização pré-existente, e por outro lado, o acontecimento que provoca uma “desregulação” e perturba a rede de “implícitos”.

Em “A ordem do discurso”, Michel Foucault (1996, p. 25) destaca que “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento em sua volta”, havendo assim um retorno de determinado enunciado em novas condições de enunciação.

Consideramos que a compreensão do conceito de “memória discursiva” e do seu funcionamento é produtivo e, direta ou indiretamente, auxiliam nos gestos analíticos dos analistas do discurso, e de modo específico para a leitura do nosso *corpus*.

4 Formações discursivas e irrupção de enunciados antagônicos

Em *A arqueologia do saber*, o filósofo francês Michel Foucault (2009) apresenta o conceito de formação discursiva como sendo

No caso em que se puder descrever entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2009, p.43)

A partir deste conceito, Michel Pêcheux considera que os discursos emergem como enunciados possíveis a partir de uma determinada formação discursiva. Assim, o sujeito constitui-se a partir de uma posição que se relaciona à determinada Formação Discursiva. Por sua vez, as formações ideológicas comportam várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito a partir de determinada posição em uma conjuntura.

Fiorin (2009, p. 32) defende que “Assim como uma formação ideológica, entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer.”

Assim, a formação discursiva delimita o que pode ou não ser dito, pelo sujeito, em determinada conjuntura. De acordo com Maingueneu (1998, p. 43), o discurso deve ser considerado como “atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados.”

Conforme pondera Courtine (2009, p. 73), “as palavras, expressões, proposições recebem seu sentido da Formação Discursiva na qual são produzidas; convém acrescentar que essa característica não é isolada das relações contraditórias que uma FD estabelece com outra FD.”

A campanha #meuamigosecreto surge em um contexto de conquistas legislativas e sociais no que diz respeito à igualdade de direitos no Brasil, e por outro lado, uma realidade na qual ainda se destacam práticas e costumes cotidianos que acarretam muita discriminação às mulheres. Por sua vez, as #meubolsominionsecreto e #minhafeministasecreta surgem em um contexto de disputa eleitoral, no qual os embates acerca de questões de gênero e sexualidade ganharam destaque. Os enunciados que irrompem a partir da campanha, se constituem a partir de formações discursivas antagônicas, oriundas de formações ideológicas diversas.

5 A internet como espaço de embates ideológicos¹ sobre questões de gênero

O feminismo é um movimento político que surge como resistência às formas de dominação do masculino. Stuart Hall (2006), em *A identidade cultural na pós-modernidade* destaca que

¹ Conforme o aporte teórico adotado neste artigo, compreende-se como ideologia “esse conjunto de ideias, essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens.” (FIORIN, 2009, p.28)

Todo o conteúdo da Revista Letras Raras está licenciado sob [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

O feminismo faz parte daquele grupo de ‘novos movimentos sociais’, que emergiram durante os anos sessenta [...] juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, os movimentos pela paz... (HALL, 2006, p. 44).

O movimento feminista apresenta entre seus objetivos a busca pela igualdade de gêneros na sociedade, pela liberdade e autonomia das mulheres, respeito aos Direitos sexuais e reprodutivos e o fim da violência contra a mulher.

No entanto, essa busca ainda é marcada por muita discriminação e criação de estereótipos em torno daquelas que se denominam “feministas”. O termo “feminista” cotidianamente é utilizado de forma negativa e estereotipada. Conforme pondera a escritora africana Chimamanda Adichie (2015) em sua obra *Sejamos todos feministas*, “a palavra ‘feminista’, como a própria ideia de feminismo, também é limitada por estereótipos”. (ADICHIE, 2015, p.8)

É a partir destes embates ideológicos que envolvem de um lado aquelas que lutam por igualdade de gênero nas relações sociais e por outro lado, aqueles que minimizam esta luta, que surgem as *hashtags* que passamos a analisar.

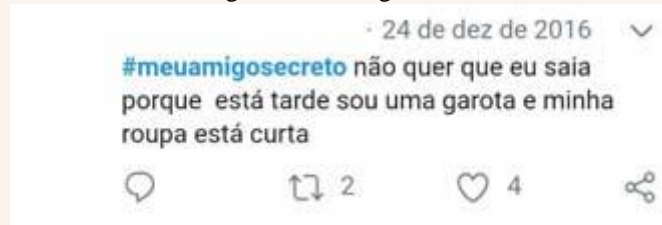
Inicialmente, com o objetivo de analisar as formações discursivas das *hashtags* #meuamigosecreto, #minhafeministasecreta e #meubolsominionsecreto, procederemos a análise de três *twitters* publicados sob a #meuamigosecreto, que surge em 2016, no período natalino, encabeçada pelo Coletivo feminista “Não me Kahlo” com o intuito de denunciar práticas machistas cotidianas.

Ao analisar os *tweets* publicados sob a #meuamigosecreto que compõem o *corpus* desta pesquisa, podemos afirmar que todos partem de uma Formação Discursiva feminista, que ironiza e denuncia práticas misóginas comuns em nossa sociedade, principalmente no que diz respeito à identificação de condutas permitidas ou proibidas a partir do sexo feminino ou masculino.

Nos enunciados descritos nas figuras 01 e 02, são retomados discursos associados a certas interdições que afligem as mulheres a partir da delimitação do que lhe é permitido e o que lhe é proibido. Nesses enunciados, a partir de uma posição sujeito-feminista, são denunciadas práticas cotidianas sexistas comuns em uma sociedade de raízes patriarcais, a partir das quais se tenta limitar as condutas, impondo

limites, tais como a sua liberdade individual de sair de casa quando queira e como deve se vestir, atitudes denunciadas na Figura 01.

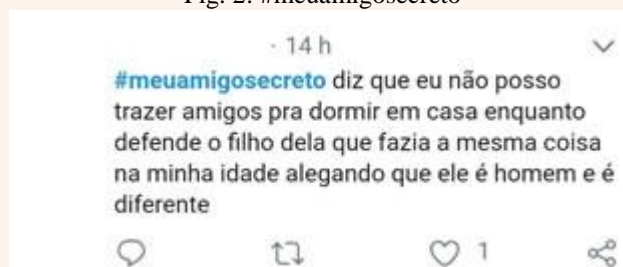
Fig. 1: #meuamigosecreto



Fonte: *Twitter.com*, 2018

No enunciado descrito na figura 2, a crítica é feita a forma como as famílias criam homens e mulheres de modo diferenciado. Enquanto a estas é imposta uma série de interdições, sobretudo relativas a sua sexualidade, início, prática do sexo antes do casamento; para os homens, há uma maior flexibilização acerca destes aspectos, inclusive havendo um incentivo a sua iniciação sexual de forma precoce.

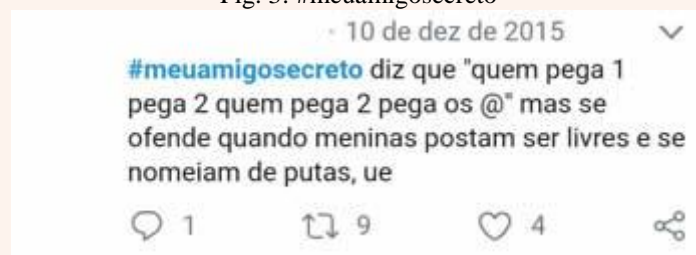
Fig. 2: #meuamigosecreto



Fonte: *Twitter.com*, 2018

No terceiro *tweet* analisado, há uma denúncia à permissividade das atitudes masculinas de se relacionar sexualmente com várias mulheres, enquanto tal atitude é rechaçada e vista de forma negativa quando é adotada por uma mulher, comumente estereotipada a partir de memórias associadas ao sujeito “puta” em nossa sociedade.

Fig. 3: #meuamigosecreto



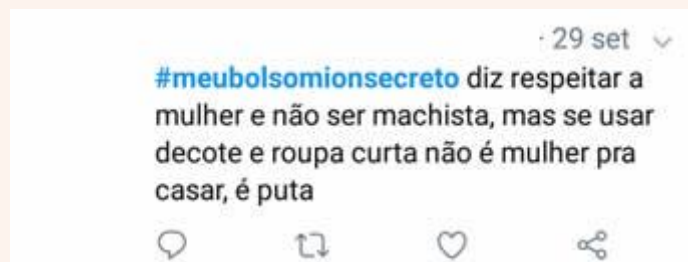
A ironia se faz presente a partir da heterogeneidade marcada mostrada, através do uso de frase entre aspas “quem pega 1 pega 2 quem pega 2 pega os @”, utilizada para descrever aqueles que “pegam geral”, inclusive independente do sexo, já que o “@” se remete a totalidade que engloba, homens, mulheres e LGBTs.

Interessante destacar que neste enunciado, há um deslizamento de sentido da palavra “puta”, que em uma formação discursiva machista é utilizada de forma negativa, associada à prática da prostituição, promiscuidade, aquela que não tem pudor, libertina ou despudorada e que se reconfigura em uma formação feminista, irrompendo de forma positiva, assim como o que ocorre com o termo “vadia” ao ser utilizado pelas feministas para intitular o movimento “Marcha das vadias”.

A *hashtag* #meubolsominionsecreto surge nas redes sociais no ano de 2018, em um contexto de disputa eleitoral, em que as mulheres, a partir da agenda feminista, se unem contra determinado candidato flagrado em diversas condutas machistas. O título da campanha surge a partir de uma reconfiguração do enunciado “#meuamigosecreto”. A partir do uso pejorativo do termo “bolsominion”, que surge a partir da junção do nome do líder “Bolsonaro” e dos personagens do filme “Meu malvado favorito”, os minions, personagens amarelos que procuram um líder vilão para seguir e que são associados aos eleitores de Bolsonaro, que adotam a camisa da seleção brasileira de cor amarela para ir aos movimentos de apoio ao líder. Assim, a campanha retoma enunciados produzidos sob a #meuamigosecreto, e a partir deles denuncia práticas machistas.

Na figura 04, ao se denunciar uma prática machista a partir da retomada de um enunciado próprio da Formação Discursiva machista, o termo “puta” aparece com seu sentido mais usual, como identidade das mulheres com condutas opostas às mulheres identificadas como “para casar”, em franca crítica aos homens que não aceitam para si a denominação de “machistas”, mas caracterizam as mulheres de forma antagônica como “putas” ou “mulheres pra casar”, até mesmo pelo modo como elas se vestem.

Fig. 4: #meubolsominionsecreto



Fonte: *Twitter.com*, 2018

Na figura 05, a denúncia também é feita a partir da retomada de enunciados comuns a Formação Discursiva antifeminista que denominam as feministas de “mimizentas”, ou seja, aquelas que problematizam questões irrelevantes. Neste enunciado há um desmascaramento das condutas típicas dos antifeministas que nas suas atitudes cotidianas agem de modo contrário aos discursos que pregam na sociedade em defesa da vida e contra o aborto, um dos temas mais polêmicos, objeto de disputa entre feministas e seus opositores.

Fig. 5: #meubolsomionsecreto



Fonte: *Twitter.com*, 2018

Por fim, na figura 06, também há uma denúncia e ironia em relação àqueles que desmerecem as mulheres solteiras que tem filhos, denominando-as pejorativamente de “vagabundas”, no entanto, quando a mãe solteira é a deles, denomina “guerreira”.

Fig. 6: #meubolsomionsecreto

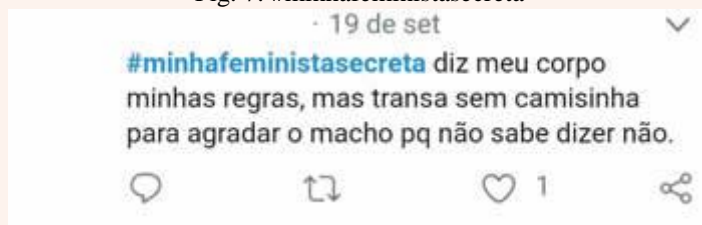


Fonte: *Twitter.com*, 2018

As *hashtags* #meuamigosecreto e #meubolsominionsecreto são oriundas de uma Formação Discursiva feminista, e através do desmascaramento, buscam denunciar práticas machistas, sobretudo no âmbito familiar, que acarretam uma série de interdições para as mulheres.

Por sua vez, a *hashtag* #minhafeministasecreta surge em oposição à campanha anterior (#meubolsominionsecreto), buscando estereotipar as mulheres feministas a partir de algumas atitudes, que contradizem as principais bandeiras do movimento. Mas, não somente: as críticas se afastam dos ideais feministas, deturpando-os. Os *tweets* analisados possuem uma conotação sexual, sempre permeado de uma característica do movimento feminista, tal como o empoderamento feminino. Nos enunciados analisados, o usuário minimiza o enunciado “meu corpo, minhas regras”, reverberado em movimentos que buscam a autonomia e direitos sexuais das mulheres. A discussão desqualifica o movimento feminista, ao tentar contraditar o lema feminista a uma postura de teor sexual de aceitar transar sem camisinha “para agradar o macho pq não sabe dizer não”, o que seria conflitante ao defendido pelo movimento.

Fig. 7: #minhafeministasecreta

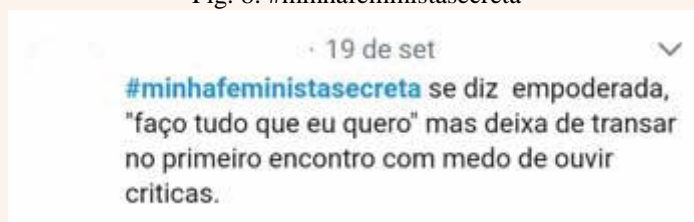


Fonte: *Twitter.com*, 2018

Louro (2000) ao mostrar a história do discurso da sexualidade da realidade brasileira revela que os corpos femininos são educados para serem impostos às normas, ou seja, dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas” (LOURO, p. 10, 2000). O enunciado “meu corpo, minhas regras” aparece como discurso de subversão a esse pensamento normalizador, e não, equivocadamente, a submissão da mulher ao sexo sem proteção, “para agradar ao macho”. O discurso de empoderamento sobre o corpo, dentre outros temas subscritos, também remete à ideia da legalização e permissão do aborto, tão caro à luta das mulheres por direitos em decidir sobre si mesma.

Por conseguinte, o enunciado constante na Figura 08 não se distancia da crítica presente na Figura 07: trata-se de desmoralizar pela via sexual determinada atitude feminina, a quem a *hashtag* #minhafeministasecreta deste enunciado específico se refere. A heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1990) “faço tudo que eu quero”, em outras palavras, associa-se a máxima “meu corpo, minhas regras”, que se exclui ao não se permitir ao sexo (ou transa) no primeiro encontro. Transar no primeiro encontro seria sinônimo de empoderamento, na visão da internauta, tornando as prováveis críticas ignoradas pela mulher. Ao negar o sexo no “primeiro encontro”, a mulher escapa do seu próprio discurso. Nesse sentido, percebe-se, mais uma vez, a deturpação da expressão feminista, que nada tem a ver com experiência sexual, conforme já assinalado.

Fig. 8: #minhafeministasecreta



Fonte: *Twitter.com*, 2018

A última análise não se distancia das demais configurações de sentidos da *hashtag* em destaque, embora se aproxime mais com a crítica a moral da mulher, ao dar foco a um possível relacionamento extraconjugal vivenciado pela feminista secreta da internauta. A *hashtag* enunciativa #EleNão é uma referência ao movimento contrário à campanha do então candidato à presidente da República Jair Bolsonaro, que apresentou em seu discurso de campanha o machismo, a misoginia, o patriarcado, enfim, o retrocesso em relação as pautas de gênero. A ironia presente no enunciado da internauta mostra-se na marcação da *hashtag* #EleSim, insinuando uma mulher promíscua, fútil e vulgar, ao revelar que sua amiga secreta, defende os Direitos das mulheres, mas sai com “homem casado”, em tese, prejudicando outras mulheres e em atitude que destoa do princípio da sororidade entre mulheres propagado pelo movimento.

Fig. 9: #minhafeministasecreta



Fonte: *Twitter.com*, 2018

Vale pontuar que as *hashtags* #meubolsomionsecreto e #minhafeministasecreta são constituídas por polêmicas discursivas, marcadas pela intercompreensão, explicado por Maingueneau (2005) como um campo em que duas formações discursivas criam embates: enquanto um enunciado é aceito, o outro é rejeitado, a depender do modo que é “interpretado”. Isso quer dizer que a polêmica é lida pelo adversário a partir de uma visão própria, com sua ótica semântica, ou seja, “cada formação discursiva tem uma maneira própria de interpretar seu Outro” (MAINGUENEAU, 2005, p. 108). O campo feminista, dessa forma, institui enfrentamentos, “dado o seu forte potencial crítico e político” (HOLLANDA, 1994, p. 7).

Conclusão

Ao analisar enunciados produzidos nas campanhas #meuamigosecreto, #meubolsomionsecreto e #minhafeministasecreta, podemos perceber que as três campanhas partem da retomada de memórias sobre questões de gênero, principalmente no que diz respeito ao exercício da sexualidade e reivindicações feministas sobre o tema. Por outro lado, a #minhafeministasecreta se constitui a partir de uma formação discursiva antifeminista que recrimina algumas atitudes de mulheres que reivindicam igualdade. Com efeito, trata-se de uma prática discursiva que deturpa os princípios que regem o feminismo, ao atribuir características sexuais às práticas de gênero, afastando-se das reais discussões que pautam o movimento feminista.

Os efeitos de sentido desses enunciados revelam conflitos sociais decorrentes dos espaços de enunciação, dos lugares sociais assumidos por diferentes sujeitos socialmente organizados.

As #meuamigosecreto e #meubolsominionsecreto se conformam a uma formação discursiva feminista, a partir de discursos que denunciam práticas machistas cotidianas que acarretam uma série de interdições para as mulheres.

De forma antagônica, a #minhafeministasecreta parte de uma formação discursiva antifeminista que deturpa os princípios que regem o feminismo, afastando-se das reais discussões que pautam o movimento.

Vale ressaltar que as *hashtags* #meubolsominionsecreto e #minhafeministasecreta foram promovidas durante o contexto político da campanha presidencial de 2018, o que pode justificar o embate ideológico acirrado em relação a #meubolsominionsecreto, uma vez que surgiu em contraponto às críticas do ativismo #minhafeministasecreta.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas: UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez.,1990.
- CHIMAMANDA, Adichie Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- COURTINE, J.J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCAR, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.
- FOUCAULT, Michel. De espaços outros. *Estudos Avançados*. v. 23, n. 79. 2013, p. 113-122.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8.ed. São Paulo: Ática, 2009.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. In: (Orgs) FLORES, Giovanna G. Benedetto; NECKEL, Nadia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda. *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. Campinas, SP: Pontes, 2018.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.) *Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: (Org.) LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *Os termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. A polêmica como interimcompreensão. In: *Gênese dos discursos*. Tradução: Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

PAVEAU, M. A. (2005). Reencontrar a memória: percurso epistemológico e histórico. In: *II Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. 2, 2005, Porto Alegre. *Anais do SEAD*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, p. 01-09.

PAVEAU, M-A. Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição. In: *Filologia e linguística do português*, n. 9, p. 311-331, 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. In: *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilheus, n. 5, p. 137-161, dez, 2013.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD et. al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes 2015, p.43-51.

Data de recebimento: 20/03/2019

Data de aceite: 04/05/2019